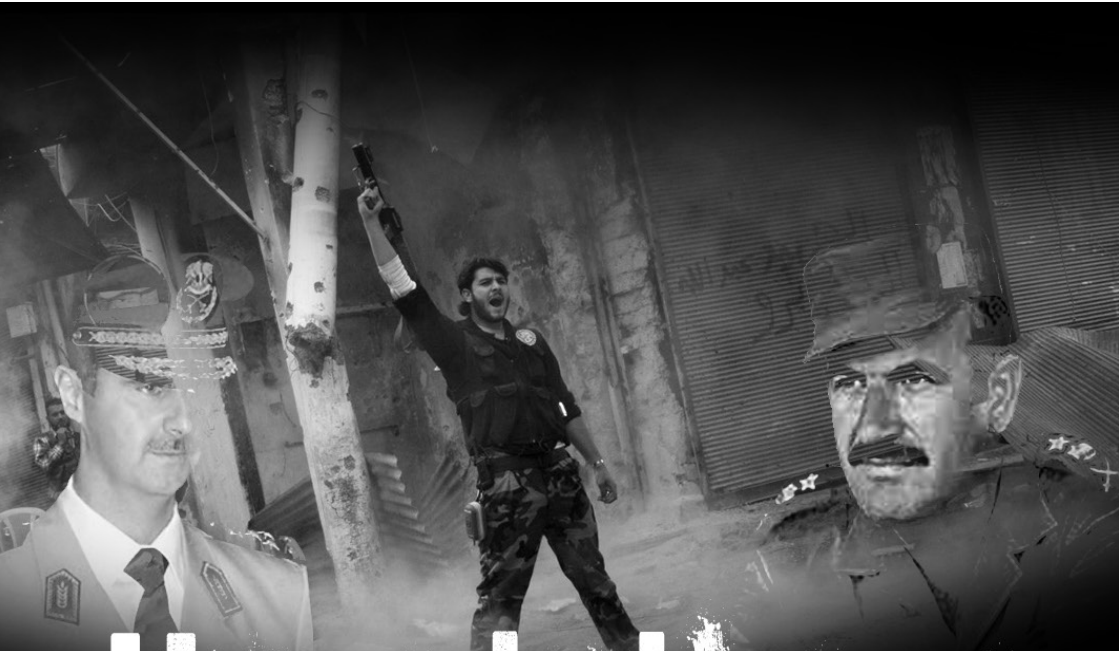




Uma leitura política do cenário **sírio** 1970 – 2022

Ahmad Alzoubi e Hani Reda

MONITOR DO ORIENTE MÉDIO

O Monitor do Oriente Médio é um instituto de pesquisa política sem fins lucrativos que fornece informações e análises abrangentes sobre política internacional. Sua produção é disponibilizada para uso de jornalistas, acadêmicos e políticos com interesse nas regiões do Norte da África e Oriente Médio — com destaque para a questão palestina. O portal em português também inclui informações e análises sobre América Latina.

O objetivo do MEMO é influenciar políticas e pautas públicas a partir da perspectiva da justiça social, dos direitos humanos e da lei internacional. Isso é fundamental para obter igualdade, segurança e justiça.

O MEMO gostaria de ver um Oriente Médio definido por princípios de igualdade e justiça, ao promover a restauração dos direitos palestinos, incluindo o direito de retorno e um Estado palestino democrático com Jerusalém como sua capital. O MEMO defende também um Oriente Médio livre de armas nucleares.

Ao assegurar que formuladores de políticas sejam melhor informados, por meio de uma cobertura de mídia justa e embasada, o MEMO busca promover um maior impacto nos atores responsáveis por decisões-chave que afetam políticas regionais e internacionais.

Título: Uma leitura política do cenário sírio
Imagem de capa: Hani Aldrasani

Publicado em fevereiro de 2022.

© Editora MEMO 2022

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, transmitida ou distribuída, por qualquer forma ou meio, sem expressa autorização prévia dos detentores dos direitos autorais.



Monitor do Oriente Médio
Avenida Conselheiro Carrão, 1077
Sala 706, Vila Carrão São Paulo
Estado de São Paulo, Brasil
+55 (11) 2093-0599
www.monitordooriente.com

Uma leitura política do cenário sírio 1970-2022

Ahmad Alzoubi e Hani Reda

Desde que o regime da família al-Assad tomou o poder na Síria, no início dos anos 70, todas as instituições nacionais do país começaram a declinar, seja através de seu desempenho, que atingiu níveis sem precedentes de queda, seja pela corrupção administrativa. Sem transparência, o Estado fracassou em implementar o seu papel. A falta de democracia contribuiu para a ruptura dos poderes e competências das instituições estatais e confiscou o poder de decisão também das instituições legislativas e judiciais. O chefe do regime tornou-se a única pessoa autorizada a tomar decisões em cada junta do Estado, adotando uma agenda política repetitiva e exaustiva, controlando o processo eleitoral, com as forças de segurança do regime sírio induzindo à reeleição e ao direito a novos mandatos presidenciais.



Hafez al-Assad, presidente da Síria de 1970 a 2000, em 1997 [Khamenei.ir]

A aliança de comerciantes e empresários com as autoridades do regime sírio levaram a um contínuo aumento nos preços de bens e serviços, sem capacidade de controle do Estado frente aos monopólios, levando a uma crise econômica e restringindo o poder de subsistência do cidadão. A política de privilégios para ocupação dos postos de trabalho do Estado, em detrimento das competências, levou à expansão do fenômeno da

fuga de cérebros do país. Verificou-se a ocupação dos ministérios soberanos por membros do grupo étnico-religioso alauita, inflamando a luta sectária na sociedade.

Entre as razões que contribuíram muito para o surgimento do movimento popular sírio em 2011, os serviços de segurança do regime sírio adotaram vários métodos de extorsão contra os cidadãos, por exemplo, a exigência de licenças para abertura de poços e construção de casas próprias na província de Daraa, que dependiam de anuência dos serviços de segurança. Esses atrasavam deliberadamente as licenças por períodos de dois a quatro anos, enquanto se estabeleciam práticas de extorsão material e mora contra os cidadãos sírios.



Manifestações populares contra Bashar al-Assad na cidade de Hama, 2011 [syriana2011]

O movimento popular na Síria em 2011

Na sequência da onda de protestos e revoltas populares em outros países árabes, o regime sírio não aceitou os pedidos de sua população por democracia, respondendo às manifestações pacíficas de forma truculenta. O regime sírio utilizou força excessiva contra manifestantes pacíficos, mas percebeu que o uso de força gerou ainda mais manifestações. A sequência foi a proliferação de armas contrabandeadas, violência armada em áreas residenciais civis e recrudescimento do regime com a prisão de sírios, torturas, desaparecimentos forçados, extorsões das famílias de presos e perseguição a opositores internos que se viram forçados a deixar o país.

Sufocando o movimento popular na Síria

A grande revolução popular exigindo democracia logo se tornou um conflito armado diante da repressão do governo. Após o regime ordenar ataques militares a áreas civis, o resultado foi a fragmentação do exército, após um grupo de desertores anunciar a criação do Exército Sírio Livre (FSA), com o objetivo de retirar o Presidente Assad do poder.



Forças do Exército Sírio Livre com cidadãos sírios [Reprodução]

Como os contínuos ataques das forças governamentais aos manifestantes, o Exército Livre cresceu em número e passou a atacar bases do exército e quartéis-generais de inteligência. Os combates entre o exército do regime e o Livre se tornaram disseminados levando a uma guerra civil. O regime sírio buscou o apoio de milícias, libertando presos, e isso fez com que surgissem diversas organizações extremistas e terroristas no país, como as ligadas ao Daesh. O regime, dependente de milícias e mercenários vindos do Irã e Afeganistão, mais tarde buscou recompensar essas milícias pelo apoio na guerra civil, dando-lhes casas que eram de propriedade de sírios que buscavam refúgio fora do país.

O regime sírio conseguiu, até certo ponto, transmitir a alguns partidos internacionais que estão política e geograficamente distantes da cena síria, impressões de que o que aconteceu foi terrorismo e não um movimento popular. Isto criou crenças e percepções imprecisas entre alguns desses países, incluindo latino-americanos, fazendo acreditar que o regime sírio é um “governo legítimo” que tem sido submetido a interferências externas, e isto absolutamente não é verdade.

O caminho político na Síria

No início de 2014, a comunidade internacional pressionou o regime sírio a negociar com a oposição, que formou uma coalizão nacional de todos os matizes da sociedade síria, reconhecida por 170 países. A primeira sessão de negociação direta entre as duas partes, em fevereiro de 2014, não foi bem sucedida devido à falta de comprometimento do regime sírio. Então estas negociações pararam até que a resolução de número 2254 do Conselho de Segurança da ONU sobre a questão síria foi emitida, desenhando um roteiro para uma solução política no país, que começaria com a formação de um órgão governante transitório e a elaboração de uma nova Constituição, exigindo eleições gerais sob monitoramento internacional para um governo de unidade focado em combater o terrorismo que o mesmo regime ditatorial impulsionou.



Sessão das Nações Unidas que votou a Resolução 2254 [ONU]

O processo ainda não teve sucesso devido à intransigência do regime sírio, à falta de uma verdadeira vontade internacional diante do caos na Síria e ao medo da comunidade internacional de que as estruturas nacionais da oposição, que representam o povo sírio, não sejam capazes de ser uma alternativa eficaz para lidar com as organizações terroristas.

O apoio iraniano e russo ajudou o regime sírio a resistir e sobreviver, incluindo suporte militar usado no bombardeio por mercenários até campanhas militares que destruíram uma grande porcentagem das áreas residenciais do país, inclusive Aleppo em 2016.

Os aliados iranianos e russos também deram apoio a nível político, abordando a questão em Genebra, com base na Resolução 2254. A Rússia contribuiu para criar o processo de Astana e, através de perseguições e ataques aéreos, pressionou a oposição síria a assinar os acordos de rendição de Astana e ceder suas áreas em favor do governo sírio. Provavelmente, sem a ajuda militar russa, o regime sírio não teria resistido.



Presidentes Hassan Rouhani (Irã), Vladimir Putin (Rússia) e Recep Tayyip Erdogan (Turquia) [Reprodução]

A Rússia, o Irã e a Turquia também organizaram o encontro de Sochi, realizado no formato da conferência de Astana, para um “cessar-fogo durável na Síria”. Na ocasião, discutiram a implementação da resolução internacional 2254 do Conselho de Segurança e combinaram a composição e funcionamento de um comitê constitucional, que criaria em Genebra uma nova Constituição síria.

O Comitê é composto por 50 representantes do governo, 50 da oposição e 50 membros da sociedade civil síria. O governo sírio enviou pessoas filiadas ao regime, porém sem autoridade para representá-lo oficialmente, inviabilizando decisões na elaboração de um acordo sobre o texto da Constituição em Genebra. Além disso, o regime interrompeu repetidamente as rodadas de negociação, tentando se concentrar em questões distanciadas dos principais conteúdos constitucionais, como um acordo com a oposição sobre a retirada dos EUA e da Turquia da

Síria no âmbito do princípio da Segurança e Independência dos territórios sírios. Ao mesmo tempo, buscava fugir da pergunta da oposição sobre a presença iraniana e russa na Síria e as bases militares ali instaladas pelo exército russo, além dos pontos estabelecidos pelas milícias do Irã que vieram especialmente do Iraque e do Afeganistão, ocupando vastas áreas do país, nordeste, sul e noroeste da Síria.

O regime sírio perturbou o processo constitucional, recusando-se a discutir conteúdos e cláusulas sensíveis, tais como questões de separação de poderes no Estado e determinação dos papéis das autoridades executivas, legislativas e judiciais, além de reduzir os poderes do Presidente da República, que, de acordo com a Constituição de 2012, elaborada pelo regime sírio, domina todas as instituições e agências oficiais. Na Síria, o presidente tem o controle do judiciário e a oposição exige a independência dos poderes para que possa monitorar o desempenho dos serviços de segurança e garantir que eles não interfiram na vida política pública.

Paralelamente aos desenvolvimentos da cena política na Síria, houve uma atividade oculta de favorecimento aos aliados do regime sírio no país, onde tanto os iranianos quanto os russos adquiriram instalações estatais de forma ilegal e com contratos de investimento de longo prazo, em troca das operações militares. Os iranianos adquiriram os setores energéticos, como as minas de fosfato em Khneifis e Al-Sawwanah, além das cidades industriais da Síria, como Hasya, na província síria de Homs. Empresas iranianas gigantes como Khatam al-Anbiya da Guarda Revolucionária Iraniana também adquiriram setores vitais do país como comunicações, transportes, desenvolvimento imobiliário, os projetos de Marotta e Basília City, além de serviços e comércio, o Aeroporto Internacional de Damasco, sem mencionar o controle iraniano sobre o setor de manufatura e indústrias militares no país.

Quanto aos russos, eles também adquiriram, sob contratos de investimento de até 75 anos, os portos sírios, como Tartous e Latakia. A Rússia

também trabalhou na aquisição ou controle dos setores de saúde, médico e farmacêutico, além de desenvolvimento imobiliário, gás, e o Aeroporto Internacional de Aleppo.

Em outro contexto, tanto os russos quanto os iranianos transferiram combatentes e mercenários da Síria para fora do país. Os russos treinaram combatentes sírios dos grupos ismaelitas, drusos e alauitas a fim de enviá-los para fora da Síria, especialmente para a Venezuela, para proteger o palácio presidencial e as minas controladas pela Rússia através de sua empresa Wagner, e para áreas do continente africano, como Mali, Burkina Faso, Guiné Bissau e muitos outros.



Bashar Al-Assad com Vladimir Putin, durante visita do presidente russo à base aérea de Khmeimim, na Síria, em 11 de dezembro de 2017 [Kremlin]

Já o Irã transformou a Síria em uma arena para o estabelecimento de suas questões internacionais com os países da região, armazenando uma enorme quantidade de vários tipos de armas no país, e convocando mercenários e milícias estrangeiras a fim de implementar as agendas iranianas, usando os sírios.

A questão síria e a Palestina

Há uma percepção imprecisa do que acontece na Síria devido às falsas estratégias de mídia adotadas pela mídia filiada ao regime. Há grupos que acreditam que a guerra síria visa defender o Estado legítimo eleito por seu povo que trabalha sempre para resistir à ocupação israelense e libertar suas terras usurpadas no Golã sírio, acreditando que o regime defende os interesses palestinos. Entretanto, em negociações com Israel, o governo sírio esteve perto de assinar um acordo com Tel Aviv que poria um fim ao seu suposto papel na reivindicação dos direitos árabes e palestinos e na libertação de suas terras usurpadas no Golã. Além disso, o regime explora os movimentos de libertação palestinos que lutam para libertar suas terras, pressionando e chantageando partidos árabes que não concordam com as direções do regime sírio.

O conflito na Síria foi uma grande revolução popular, em que o povo saiu às ruas das cidades com o peito aberto, exigindo o estabelecimento de um sistema democrático de governo, no qual o cidadão é respeitado e goza de seus plenos direitos, mas o regime sírio não aceitou perder o poder, então passou a usar a violência, levando ao uso de armas proibidas, como armas químicas, usadas para atacar áreas seguras de Ghouta Damasco em 2013 e Khan Sheikhouh em Idlib em 2017. Comitês internacionais de investigação confirmaram o envolvimento maciço do regime no uso desse tipo de arma, proibida internacionalmente.

Os palestinos residentes na Síria sofreram com a brutalidade do regime sírio, que atacou suas cidades e acampamentos e os forçou novamente ao deslocamento, tendo que deixar a Síria, após já estarem em refúgio por causa de Israel. Diversas entidades políticas palestinas apoiaram o povo sírio e exigiram a obtenção de seus direitos legítimos, um dos grupos foi o palestino-sírio chamado “Destino”.



Imigrantes em barco superlotado no Mar Mediterrâneo [Marinha da Itália]

A perspectiva de uma solução política na Síria

Sem dúvida, apesar de todas as várias tentativas de reinserir o regime sírio na comunidade internacional, a história não será apagada, porque os crimes cometidos se tornaram um fardo para outros países, que sofreram com o crescente número de requerentes de asilo. De acordo com as estatísticas das Nações Unidas publicadas no mês de outubro de 2020, o número de refugiados sírios atingiu 13 milhões, e apesar do regime ter voltado a controlar grande parte das áreas que haviam sido tomadas pela oposição, o número de migrantes deve aumentar com a falta de segurança e crise econômica no país.

Quanto ao desenvolvimento e reconstrução do país, não começará enquanto a Síria não aplicar o processo político sírio baseado na resolução internacional 2254, que garante uma reforma política abrangente. Sem isso, a comunidade internacional jamais apoiará qualquer processo de reconstrução e

reabilitação no país, uma posição expressa pelas grandes potências internacionais como Estados Unidos e União Europeia. Sem o apoio fornecido por essas partes, a Síria não testemunhará nenhum processo real de desenvolvimento. A única forma de resolução é com o regime sírio cumprindo os requisitos do processo político, especialmente os constitucionais, avançar sua implementação, levando à formação de um governo de transição que deve supervisionar o rearranjo do Estado.

MEMO

MONITOR DO ORIENTE MEDIO

Criando Novas Perspectivas



monitordooriente.com



[/monitordooriente](https://www.facebook.com/monitordooriente)



[@monitordoorient](https://twitter.com/monitordoorient)



[@monitordooriente](https://www.instagram.com/monitordooriente)